



**Universidade:  
presente!**

**UFRGS**  
PROPEAQ



**XXXI SIC**

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Escrevivência como possibilidade de transmissão da experiência com narrativas do território
<b>Autor</b>	JOÃO PEDRO GOULART DA SILVA
<b>Orientador</b>	ROBERTO HENRIQUE AMORIM DE MEDEIROS

Título do trabalho: Escrivência como possibilidade de transmissão da experiência com narrativas do território

Nome do autor: João Pedro Goulart da Silva

Orientador: Roberto Henrique Amorim de Medeiros

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A pesquisa intitulada *A contribuição do método investigativo psicanalítico para a construção de territórios baseados em narrativas*, registrada sob o número 32054 no sistema de pesquisa UFRGS, iniciou em 2017 com o objetivo de introduzir o mapeamento baseado em narrativas de situações de saúde e modos de vida nos territórios. Foi possível constituir dispositivos de fala e escuta a partir da construção de um procedimento que, ao seu final, em 2020, deverá compreender quatro etapas: *derivar*, *escutar e escrever*, sendo o último passo o *mapear*. O recorte de minha pesquisa se dá na etapa *escrever* de nosso procedimento.

O território privilegiado como cenário de práticas da pesquisa é o bairro Vila Jardim, zona norte de Porto Alegre, por suas semelhanças com bairros periféricos de grandes cidades de um país desigual como o Brasil: o terreno irregular, a proximidade de casas de diferentes níveis sociais, a presença do tráfico, a frequente ausência do Estado em questões de promoção de saúde e cidadania.

A partir das *derivas*, modo de aproximação ao território para viabilizar escutas, encontrei narrativas produzidas por meio das ambiências, ao invés das pessoas, o que me levou a atenção às pichações nas paredes e muros do bairro. A leitura de *A poética do Espaço* (Bachelard, 2008), permitiu a investigação do elemento literário, trazendo o problema de como transmitir a experiência com as narrativas de um território com pouca interferência de interpretações, traduções ou produções de sentidos sobre a escrita do outro. Como não traduzir, por exemplo, a pichação sob nossos próprios termos? O grupo de pesquisa, por meio de oficinas de escrita, permitiu-me encontrar a noção de Escrivência (Evaristo, 2006).

O objetivo de meu estudo é contribuir com o momento de *escrever* de nosso método, investigando a possibilidade da *Escrivência* como forma de transmissão da experiência com as narrativas, com vistas ao mapeamento dos modos de vida do território.

O procedimento para a investigação desse potencial foi experimentar o território a partir da *deriva* e da *escuta* e produzir escritas no sentido da Escrivência: escutar narrativas por meio das pichações e produzir outra escrita, *mixando* dois textos. Desse modo, não se trata de descrição ou de tradução, mas da transmissão de uma experiência vivida pelo pesquisador em território por meio da produção de texto a partir de outro texto. O movimento Hip Hop é composto por quatro elementos: o MC, o DJ, o Breakdance e o Graffiti. A pichação é inspirada no *graffiti* e toma o caráter desse movimento. A *Escrivência*, em nosso caso, se produz como a mixagem dos DJs do movimento Hip Hop, que misturam dois sons com as batidas de cada disco, produzindo uma nova e genuína experiência sonora.

Os primeiros resultados apontam que há outras possibilidades narrativas além do discurso midiático, das estatísticas ou das memórias e impressões dos moradores. Em segundo lugar, o procedimento de escrita investigado mostrou potencial para discutir a dicotomia entre narrativa e espaço (rua, bairro, cidade, etc).

Os problemas ainda em aberto estão, neste momento, circunscritos à questão de saber se a prática da Escrivência constrói uma experiência coletiva ou pessoal. Inicialmente encontra-se na literatura (Ribeiro, 2019) que “escrever” se trata de contar histórias singulares, mas que dizem de experiências evidentemente coletivas, se forem compartilhadas através de marcadores sociais, como a experiência do racismo pelo povo negro, por exemplo. A prática da escrivência trará novos achados nesta próxima fase da pesquisa em 2019-2020.